

Abertura do comércio

A aproximação do final de ano traz mais uma vez à luz a discussão sobre a abertura do comércio aos domingos em Brasília. Este ano, repete-se o desencontro do ano passado e de outras datas significativas em vendas ao longo do corrente ano, quando, por desacerto entre o sindicato patronal e o dos empregados, as lojas não puderam abrir suas portas. Agora, o presidente do Sindicato do Comércio Varejista diz que o Sindicato dos Comerciantes não tem legitimidade para firmar acordos com os proprietários de estabelecimentos que desejarem trabalhar nos dois últimos domingos do ano. O desentendimento mostra o quanto o Brasil está atrasado no que se refere a esse assunto.

O primeiro e mais forte argumento usado pelos que defendem a abertura das lojas é a própria crise. Este ano as vendas devem ser mais fracas do que em anos anteriores. Assim, a abertura aos domingos acaba funcionando como uma fórmula infalível para engordar o contracheque dos comerciantes e o lucro dos lojistas, ambos muito abalados com a ausência dos compradores.

Outro argumento importante diz respeito à falta de tempo livre para compras de boa parte da população, que, no final do ano, se vê às voltas com uma série de compromissos adicionais, como, por exemplo, a preparação das férias da família, festas de formatura, congraçamentos. O domingo seria o dia ideal para as compras. Um terceiro argumento, igualmente importante, diz respeito à necessidade de o consumidor fazer um levantamento criterioso dos preços de todos os itens a serem adquiridos. É consenso que uma boa caminhada maior pode representar a economia de muitos cruzeiros.

Do lado dos comerciantes, aparentemente, não há unanimidade sobre a questão. Eles estão divididos entre os que se preocupam com o fato de terem de trabalhar ininterruptamente quase um mês, sem tempo para conviver com os familiares no fim de semana, e os que vêem neste mês de dezembro a possibilidade de alavancarem seus ganhos.

Sem dúvida, a questão da convivência familiar é ponderável, mas é bom lembrar que o trabalho dos domingos deverá ser compensado com folgas no meio da semana. O trabalho será melhor remunerado também, por força da legislação trabalhista.

Já os comerciantes esperam bons negócios. Alguns chegam a estimar que, nestes dois fins de semana, poderão faturar 10 por cento do que venderão no mês. Suas expectativas são calcadas no recente processo de isonomia salarial, que elevou os vencimentos de consideráveis parcelas do funcionalismo, e no pagamento de uma superpensão, composta por 13º salário, salários de novembro e 147 por cento aos aposentados. Esse otimismo pode não se verificar na prática porque, segundo observadores econômicos, boa parte das pessoas está interessada em aplicar no mercado financeiro uma possível sobra de dinheiro para enfrentar tempos bicudos em 1993.

Por trás desse quadro complicado, existe a possibilidade de uma multa, que chega a Cr\$ 20 milhões, para os lojistas que abrirem suas portas sem o acordo com o Sindicato dos Comerciantes.

Na verdade, o que parece estar faltando é um pouco de boa vontade e de equilíbrio nesta discussão. Pelo que se nota, nem comerciantes nem empregados parecem estar levando em conta a posição dos consumidores.

Como nunca se chegou a um acordo, ainda não temos uma mostra do que seria uma abertura aos domingos. Será que os lojistas venderiam o que imaginam? As pessoas vão trocar passeios e a convivência familiar pelas compras? Ora, para se ter uma resposta definitiva é preciso enfrentar a questão de frente. A verdade é que num país que vive uma recessão brutal esta discussão parece insensata. Só mesmo a experiência é que vai dizer de sua validade ou não. Por enquanto, só comerciantes e lojistas têm falado. É hora de escutar o consumidor. Certamente, neste assunto, ele terá a palavra final.